

CONTRIBUIÇÕES DA GEOGRAFIA PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR: a Literatura na Educação Infantil

ELISA APARECIDA XAVIER SANTOS

Rede Municipal de Ensino de Uberlândia | Brasil
elisasantosgeo@yahoo.com.br

ADRIANY DE ÁVILA MELO SAMPAIO

Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia | Brasil
adrianyavila@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE:
Contação de Histórias,
Categorias Geográficas,
Crianças.

RESUMO:

O interesse em pesquisar sobre a Literatura como recurso didático para o ensino de Geografia na Educação Infantil partiu da constatação do interesse das crianças por Histórias, contos e fábulas, entre outros tipos de narrativas. Muitos professores têm dificuldade em abordar temas da Geografia com as crianças de 0 a 5 anos, justamente por desconhecerem o que caberia a essa ciência trabalhar nessa etapa importante do desenvolvimento humano. O presente texto tem por objetivo evidenciar que é possível trabalhar temas da Geografia, que são importantes para o desenvolvimento das crianças, por meio de pequenas Histórias, evidenciando métodos e estratégias adequados às diversas faixas etárias, com o intuito de incentivar a formação do leitor, capaz de ler o mundo, entender as relações existentes e participar com possibilidades de intervir em seu contexto de vivência. Inicialmente, evidenciou-se a contribuição que o Ensino de Geografia oferece à Educação Infantil, apresentado o Lugar e a Paisagem como categorias essenciais de trabalho, ao mesmo tempo muito significativas para o universo infantil. Em seguida, foi abordada a Literatura como recurso para a formação da criança, o incentivo ao futuro leitor e a escolha do livro adequado às diversas faixas etárias. Finalmente, discute-se algumas possibilidades de trabalho aliando a Literatura com a Geografia.

CONTRIBUTIONS OF GEOGRAPHY FOR READERS: LITERATURE IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

ABSTRACT:
Once children have interest in stories, tales and fables, among other narratives types, we propose in this paper research on the relationship of literature, as a teaching resource, and the teaching of Geography in Early Childhood Education. Many teachers find difficult to address issues of geography with children aged 0 to 5 years old, precisely because they ignore what would fit this science work in this crucial stage of human development. This paper aims to show that we can work themes of geography, which are important for the development of children through short stories, suggesting appropriate methods and strategies to different age groups, in order to encourage the formation of the reader, capable reading the world, understand the relationships

KEYWORDS:
Storytelling, Categories
Geographic, Children.

and participate with possibilities to intervene in their living context. Initially, it highlighted the contribution that Geography Teaching offers the Early Childhood Education, presented the place and the landscape as essential categories of work, while very significant for the infant universe. Next, it will be addressed in literature as a resource for the education of children, encouraging future player and choosing the right book to different age groups. Finally, we discuss some work possibilities combining literature with geography.

CONTRIBUCIONES DE GEOGRAFÍA PARA LOS LECTORES DE LA FORMACIÓN: LITERATURA EN LA EDUCACIÓN INFANTIL

PALABRAS CLAVE:

contar historias,
Categorías geográfica,
Los niños.

RESUMEN:

El interés en la investigación de la literatura como recurso didáctico para la enseñanza de la Geografía en la educación infantil partió de la constatación en el interés de los niños por historias, cuentos y fábulas, entre otros tipos de narrativas. Muchos maestros tienen dificultades para hacer frente a los problemas de la geografía con los niños y niñas de 0 a 5 años, precisamente porque ignoran lo que encajaría este trabajo la ciencia en esta importante etapa del desarrollo humano. El presente trabajo pretende mostrar que se puede trabajar temas de geografía, que son importantes para el desarrollo de los niños, a través de historias pequeñas, lo que sugiere métodos y estrategias adecuadas a los diferentes grupos de edad, con el fin de favorecer la formación del lector, capaz de leer el mundo, comprender las relaciones y participar con posibilidades de intervenir en su contexto vivo. Inicialmente, se puso de relieve la contribución que ofrece la Enseñanza de la Geografía Educación Infantil, presentada el lugar y el paisaje como categorías esenciales de trabajo, si bien es muy importante para el universo infantil. Luego se dirigió a la literatura como un recurso para la educación de los niños, fomentando futuro jugador y elegir el libro adecuado para diferentes grupos de edad. Finalmente, se discuten algunas posibilidades de trabajo que combinan la literatura con la Geografía.

INTRODUÇÃO

A História contada ou lida apresenta a possibilidade de aliar a leitura de mundo das crianças com temas do currículo oficial, além de incentivar a formação de futuros leitores competentes, críticos, constituindo-se um momento ímpar no cotidiano da Educação Infantil. No entanto, para que realmente esse momento seja apreciado pelas crianças, são necessários alguns cuidados para não tornar a História algo monótono, desinteressante e sem significado.

Um aspecto fundamental na construção de um conhecimento significativo para as crianças é que o ensino precisa estar vinculado à realidade, o que permite usar o *Lugar* como categoria de análise da Geografia, considerando-o conectado ao espaço, como um todo.

A *Paisagem* também se constitui como uma categoria de análise que propicia ao

professor e, por extensão aos seus alunos, ler o significado expresso em sua materialização. Essa percepção dos elementos que compõem a Paisagem do Lugar toda dinâmica existente pode propiciar, futuramente, novas formas de intervir, por desenvolver uma compreensão mais ampla da realidade.

Essa capacidade de ler o mundo, antes da palavra escrita, pela criança, é importante na busca de significados da palavra escrita, influenciando a construção de significados, valorizando a leitura da palavra escrita, o que reflete diretamente na aprendizagem dos alunos. E não há como falar em Educação de qualidade sem que os alunos descubram o mundo que existe por trás da leitura. Por sua vez a capacidade de ler e entender os códigos representa a base para o desenvolvimento de qualquer área de conhecimento.

1. Contribuições do Ensino de Geografia para a Educação Infantil

A creche, no Brasil, durante muito tempo foi considerada apenas como um local para as mães deixarem seus filhos para que pudessem trabalhar, em busca de uma melhor condição de vida para a família. Atualmente, depois de muitas mudanças, a creche, com função assistencialista, passou a ter também uma função educativa, inserida como primeira etapa da Educação Básica:

[...] a entrada cada vez maior da mulher pobre no mercado de trabalho das cidades deslocou, em decorrência, as tarefas da socialização primária. Esta ficou cada vez mais sob a responsabilidade de outros atores educacionais, em especial da escola, cujo trabalho tornou-se mais complexo ainda. (KIMURA, 2008, p. 35).

A Educação Infantil hoje se constitui como uma fase importante da Educação Formal, que pode contribuir com o desenvolvimento integral da criança nos aspectos emocional, cognitivo e social. Não se pode mais acreditar que o objetivo primordial dessa etapa seja apenas preparar a criança para uma futura alfabetização, negando, às vezes, áreas de conhecimentos que são essenciais para a formação infantil. O papel da família continua primordial nesta fase, pois, para que a criança se desenvolva socialmente, torna-se essencial que a Educação Infantil e a família estabeleçam uma parceria visando o bem comum da criança, proporcionando-lhe completo crescimento.

Compõem o currículo da Educação Infantil diversas áreas do conhecimento, tais como Filosofia, Conhecimento Lógico-Matemático, Ciências, História e Linguagens que englobam a Expressão Oral e Escrita. Entre elas, a Geografia, ciência que busca compreender o espaço e suas contradições.

O mundo onde as crianças vivem se constitui em um conjunto de fenômenos naturais e sociais indissociáveis diante do qual elas se mostram curiosas e investigativas. Desde muito pequenas, pela interação com o meio natural e social no qual vivem, as crianças aprendem sobre o mundo, fazendo perguntas e procurando respostas às suas indagações e questões. Como integrantes de grupos socioculturais singulares, vivenciam experiências e interagem num contexto de conceitos, valores, ideias, objetos e representações sobre os

mais diversos temas a que têm acesso na vida cotidiana, construindo um conjunto de conhecimentos sobre o mundo que as cerca (BRASIL, 1998, p. 163).

Assim, a Geografia pode auxiliar na busca do desenvolvimento de conceitos que servirão de base para aprendizagens futuras, objetivando a compreensão do espaço mundo. Ela é um conhecimento que alia conceitos abstratos com a realidade cotidiana vivida pela criança, o que pode ampliar sua visão de mundo. A Geografia tem muito a contribuir nessa fase, oferecendo a possibilidade de um começo de entendimento do espaço no qual vive a sociedade, oportunizando à criança, a capacidade de construir sua leitura espacial:

Consideramos que a leitura do mundo é fundamental para que todos nós, que vivemos em sociedade, possamos exercitar nossa cidadania. [...] Queremos tratar aqui sobre qual a possibilidade de aprender a ler, aprendendo a ler o mundo; e escrever, aprendendo a escrever o mundo. Para tanto, buscamos refletir sobre o papel da Geografia na escola, em especial no Ensino Fundamental, no momento do processo de alfabetização (CALLAI, 2005, p. 228).

Essa ciência, além de proporcionar à criança uma percepção do mundo de forma crítica, pode motivar a preocupação também com o espaço em que ela vive, pois uma criança preocupada com o meio ambiente poderá ser, no futuro, um adulto responsável pelos seus atos de forma mais consciente.

A *Paisagem* como categoria de análise do ensino de Geografia oferece a possibilidade de a criança perceber, por meio de seus conjuntos de objetos concretos, as várias relações que se estabelecem entre o homem e a natureza. Ela “pode ser considerada um texto que serve a uma multiplicidade de leituras” (CABRAL, 2007, p.150). Ou, ainda:

A Paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. [...]. Esta é o conjunto de elementos naturais e artificiais que fisicamente caracterizam uma área. A rigor, a Paisagem é apenas a porção da configuração territorial que é possível abarcar com a visão. Assim, quando se fala em Paisagem, há, também, referência à configuração territorial e, em muitos idiomas, o uso das duas expressões é indiferente. A Paisagem se dá como um conjunto de objetos reais-concretos. Nesse sentido a Paisagem é transtemporal, juntando objetos passados e presentes, uma construção transversal (SANTOS, 2006, p. 66).

Ao professor, a *Paisagem* permite instigar os seus alunos a analisarem o que há no espaço, por intermédio da primeira vista, da primeira impressão, e compreender melhor as questões referentes ao seu cotidiano, fazer comparações, evidenciar problemas locais, entender como e porque aquela *Paisagem* está organizada daquela forma, a que interesse ela atende, entre outras questões.

O *Lugar* com sua História e materialização das relações entre sociedade e natureza, é outra categoria de análise da Geografia que permite aproveitar vivências e

representações para a educação significativa, na qual a criança se sinta parte integrante do conhecimento construído:

Ao analisar a rua onde mora, a sua vizinhança e a vizinhança da escola, as pessoas que conhece no bairro, como o padeiro, o açougueiro, o dono da mercearia... e ao perceber que sabe onde a maioria dos seus colegas reside, perceberá que esse é o seu espaço de vivência e que, portanto, esse é o seu lugar (ALANO, 2002, p. 79).

É possível, por meio de problemáticas existentes no *Lugar*, e da observação *in loco*, provocar discussões e introduzir temas da Geografia, a exemplo do problema do lixo, da impermeabilização do solo, da poluição de forma geral, entre outros:

[...] fazer a leitura da Paisagem pode ser uma forma interessante de desvendar a História do espaço considerado, quer dizer, a História das pessoas que ali vivem. O que a Paisagem mostra é o resultado do que aconteceu ali. A materialização do ocorrido transforma em visível, perceptível o acontecido. A dinamicidade das relações sociais e das relações do Homem com a Natureza desencadeia um jogo de forças, cujos resultados são concretos e visíveis. Descrever e analisar estas paisagens supõe, portanto, buscar as explicações que tal “retrato” nos permite. Os objetos, as construções, expressos nas ruas, nos prédios, nas praças, nos monumentos, podem ser frios e objetivos, porém a História deles é cheia de tensão, de sons, de luzes, de odores, e de sentimentos (CALLAI, 2005, p. 238).

Além de começara ler o mundo que as cerca, desde pequenas, é possível, com a Geografia, que as crianças desenvolvam capacidades que serão base para aprendizagens mais complexas, tais como a compreensão de conceitos: “próximo”, “distante”, “extenso”, “onde”, “até onde”, “direita”, “esquerda”, “em frente”, “atrás”, “em baixo”, “em cima”, entre outros, que servirão de base para desenvolver uma boa orientação espacial:

A aprendizagem pode ser entendida como processo pelo qual o ser humano percebe, experimenta, elabora, incorpora, acumula as informações da realidade transformadas em conhecimento. O ser humano desenvolve esse processo em diferentes patamares através de um fazer em sua relação com o mundo. Ele interioriza e incorpora as informações, elaborando cumulativamente o acervo do seu universo sociocultural e do seu organismo natural (KIMURA, 2008, p. 46).

O conhecimento é um processo cumulativo no qual o contato com um acervo de informações e experiências diferenciadas pode facilitar o desenvolvimento de estruturas mais complexas de conhecimento, minimizando a dificuldade de ensinar e aprender, seja da Geografia, como conteúdo escolar, ou da própria leitura e escrita da língua portuguesa.

Mas para que a Geografia contribua realmente com essa fase importante da vida da criança, é preciso ter, primeiramente, definida em sua proposta político-pedagógica, a concepção de Educação que a escola defende, e o objetivo que se pretende alcançar com o Ensino Infantil, pois ela pode atender às suas necessidades biológicas, formar hábitos e valores e também possibilitar o desenvolvimento de potenciais na busca de um cidadão mais participativo.

Para tanto, o papel da escola na Educação dessas crianças é contribuir para sua formação integral, oferecendo uma base segura para o seu presente e futuro. É necessário avaliar também qual aluno almeja-se formar, sendo que o Professor precisa ter uma sólida fundamentação teórica que o auxilie nisso.

Vale ressaltar que oferecer um ensino pautado em conhecimentos fragmentados, ou círculos fechados que vão se ampliando de acordo com as séries (primeiro a comunidade, depois o bairro, em seguida o município e assim por diante), é negar a possibilidade de o aluno conhecer o mundo como ele se apresenta: dinâmico, interligado e contraditório.

Como vivemos na era da informação, não há possibilidades de limitar a construção do conhecimento com as crianças apenas em um círculo fechado. Os acontecimentos globais invadem o dia a dia da sala de aula por meio dos relatos das crianças, que ocupam cada vez mais a frente da tela da TV ou do computador, e a Geografia ajuda a formar um pensamento mais íntegro da criança:

A inteligência parcelada, compartimentada, mecanicista, disjunta e reducionista rompe o complexo do mundo em fragmentos disjuntos, fraciona os problemas, separa o que está unido, torna unidimensional o multidimensional. É uma inteligência míope que acaba por ser normalmente cega. Destrói no embrião as possibilidades de compreensão e de reflexão, reduz as possibilidades de julgamento corretivo ou da visão a longo prazo. Por isso, quanto mais os problemas se tornam multidimensionais; quanto mais a crise progride, mais progride a incapacidade de pensar a crise; mais os problemas se tornam planetários, mais eles se tornam impensáveis. Incapaz de considerar o contexto e o complexo planetário, a inteligência cega torna-se inconsciente e irresponsável (MORIN, 2003, p. 43).

Além da problemática em trabalhar as categorias de análise em Geografia em círculos fechados, ainda é comum no sistema educacional, apoiado por uma metodologia tradicional, trabalhar as diversas áreas do conhecimento isoladas, dificultando, desde os anos iniciais, a capacidade da criança para compreender o todo, o que é prejudicial para a formação plena da pessoa humana. Não devemos negar à criança a capacidade de adquirir um conhecimento uno e significativo que ofereça possibilidades para se formar um cidadão que seja capaz de entender o mundo que o cerca, que assim possa estar consciente de seus direitos e deveres e ajudar a construir um mundo mais justo, com mais justiça social.

2. A Literatura como recurso na formação da criança e do futuro cidadão

De acordo com Paiva; Oliveira (2010, p. 24),

Emprega-se a expressão Literatura Infantil ao conjunto de publicações que em seu conteúdo tenham formas recreativas ou didáticas, ou ambas, e que sejam destinadas ao público infantil. [...] A Literatura infantil é arte. E como arte deve ser apreciada e corresponder plenamente à intimidade da criança. A criança tem um apetite voraz pelo belo e

encontrana Literatura infantil o alimento adequado para os anseios da psique infantil. Alimento, esse, que traduz os movimentos interiores e sacia os próprios interesses da criança.

Anteriormente à escrita, a oralidade era o meio pelo qual as pessoas compartilhavam e repassavam conhecimentos aos mais novos, utilizando-se unicamente da memória. Com o advento da escrita, a História passou a ser registrada, contada e lida, mas não deixou de ser um ato repleto de significados que proporciona a ampliação do vocabulário das crianças, como também a possibilidade de se repensar e discutir os problemas cotidianos:

[...] é ouvindo histórias (lidas e também contadas livremente, inspiradas na Literatura ou na experiência vivida) e sendo ouvidas as suas próprias Histórias que elas aprendem muito cedo a tecer narrativamente sua experiência e, ao fazê-lo, vão se constituindo como sujeitos culturais. Na entrega ao presente do jogo narrativo no âmbito da Educação Infantil, professoras e crianças ampliam um espaço simbólico comum, pleno de imagens e das reverberações corporais e culturais de suas vozes. Tornam-se seres narrados e seres narrantes, com todas as implicações favoráveis disso para a vida pessoal, social e cultural de cada um e do grupo (GIRARDELLO, 2007, p. 54).

A *História* contada ou lida é uma atividade que precisa estar presente na Educação Infantil, pois incentiva a imaginação das crianças e estimula a formação de referenciais indispensáveis à construção do sujeito.

Aliando imaginação e realidade, a Literatura oferece ao professor ampla possibilidade de trabalho interdisciplinar, começando com a seleção de uma *História* que contemple a temática que se objetive trabalhar.

Escolher uma *História* exige que o professor tenha especial cuidado, pois as crianças precisam perceber a si mesmas representadas, o que permitirão, a elas, areflexão e a oportunidade de aprendizagem, pois, segundo Yunes; Ponde (1989, p. 136), “quando a leitura não resulta em expressão dos próprios sentimentos nem desencadeia uma conversa ou reflexão ‘natural’ a partir do texto lido, seus efeitos sobre a constituição do sujeito são remotos”.

Para Castrogiovanni (1998, p. 63),

E é no período (no tempo) e no Lugar (no espaço) da aula que se podem criar as condições de instrumentalização do aluno para viver essa troca, essas relações sociais fundamentais para a vida. A formação do cidadão que tanto buscamos supõe esta trajetória, o quanto mais possível concretizada no dia a dia da vida do aluno, construindo a sua identidade e se percebendo como alguém que constrói a História e o espaço onde vive.

Recorde-se que a criança é um agente ativo, capaz de construir e reconstruir sua História, mas é necessário valorizar suas experiências cotidianas, o grupo ao qual pertence, porque são nas diversas atividades do cotidiano, como na socialização do grupo, que se aprende e que se constrói o conhecimento:

O grupo é fundamental na nossa vida. No nosso cotidiano, ele é permanentemente vivido. Pertencemos a diversos grupos ao mesmo tempo: a família, os amigos, a turma de futebol, a de brincar todo dia, a turma da escola, da igreja, da vizinhança. É no confronto cotidiano com os outros que aprendemos, que constituímos o nosso pensamento, o nosso conhecimento. É nesse processo de socialização que está embutida toda a riqueza da aprendizagem. A vida no grupo permite e encaminha discussões das regras sociais, da boa convivência na sala de aula, na realização de tarefas, nos recreios, no início e no final da aula (CASTROGIOVANNI, 1998, p.62).

O professor, ao se propor a trabalhar com determinada turma e escola, precisa conhecer o bairro, o entorno da escola e um pouco da História dos alunos para que assim possa desenvolver uma aprendizagem eficiente e eficaz.

Recorde-se que a Educação tem papel fundamental na construção do cidadão crítico e ativo, na busca de um futuro melhor, e mais humano, propiciando um conhecimento amplo e significativo, no qual o aluno compreenda o entorno que o cerca por meio de sua leitura de mundo para que, assim, tente modificá-la.

Segundo Callai (2005, p. 232), “partindo do fato de que a gente lê o mundo ainda muito antes de ler a palavra, a principal questão é exercitar a prática de fazer a leitura do mundo. E pode-se dizer que isso nasce com a criança”.

Se a leitura de mundo já nasce com a criança, não se justifica um grande número das pessoas chegarem à fase adulta e não compreenderem a realidade que as cerca, não exercitando assim sua cidadania. O professor tem a função de exercitar esta leitura de mundo que antecede a escrita por meio da percepção do meio, das rodas de conversa, e da aprendizagem mútua. A Literatura como recurso didático tem muito a contribuir, pois oferece a capacidade de reflexão, de análise do mundo que cerca o estudante, e todas as suas problemáticas, para que assim haja a possibilidade de ação, de mudanças.

Ressalta-se que a *História*, contada, lida ou dramatizada está colocada como elemento fundamental da Educação Infantil, como preconiza o Referencial Nacional (BRASIL, 1998) fazendo parte da rotina das crianças e sendo muito apreciado por elas.

A leitura de Histórias pode incentivar a formação do futuro leitor, porque, ao escutar, aprende-se a apreciar a narração. Aprender a escutar também precisa ser um hábito construído. O momento da leitura de Histórias pode ser vivenciado em um canto da sala de aula, ou até mesmo fora dela, no qual as crianças possam se sentar de maneira confortável, todas juntas, tendo o professor e o livro como centro das atenções, propiciando momentos de silêncio, concentração, escuta e depois reflexão. O professor deve motivar as crianças para o momento de leitura, para o tipo de História a ser lida etc.

Esse momento interativo constitui grande incentivo à formação de futuros leitores, contribuindo para o desenvolvimento sócio afetivo e cognitivo da criança, possibilitando-a a ampliar sua linguagem oral, seu vocabulário, aprimorar o gosto pela leitura e também reconhecer fragmentos de seu cotidiano nas Histórias, auxiliando a resolver e perceber problemas e possíveis soluções, ao mesmo tempo em que constrói, igualmente, hábitos saudáveis e novos significados.

O momento da leitura da História requer que o professor se atenha a alguns pontos relevantes para alcançar o interesse das crianças, que vão desde a escolha do livro de acordo com a faixa etária, leituras prévias, até à fidelidade ao texto escrito:

Daí que quando se vai ler uma história – seja qual for – para a criança, não se pode fazer isso de qualquer jeito, pegando o primeiro volume que se vê na estante... E aí, no decorrer da leitura, demonstrar que não está familiarizado com uma ou outra palavra (ou com várias), empacar ao pronunciar o nome dum determinado personagem ou Lugar, mostrar que não percebeu o jeito como o autor construiu suas frases e ir dando as pausas nos lugares errados, fragmentando um parágrafo porque perdeu o fôlego ou fazendo ponto final quando aquela ideia continuava deslizando, na página ao lado... (ABRAMOVICH, 1997, p. 20).

A fidelidade ao texto escrito oferece à criança a oportunidade de enriquecer seu vocabulário, não devendo resumir ou retirar do texto palavras desconhecidas pelas crianças, privando-as de se familiarizarem com uma linguagem culta. O professor precisa procurar ser fiel ao texto, enriquecendo-o com uma interpretação carregada de entonação de voz e expressões faciais.

Ao ler a História, precisa-se mostrar as imagens, página por página, para que as crianças não se desconcentrem com a tarefa de ouvir e ler as imagens ao mesmo tempo. Depois, é interessante que as crianças tenham um espaço no qual elas possam apreciar, em um segundo momento, as várias Histórias lidas, possibilitando a mesma a fazer sua releitura.

Um fato bastante evidenciado por parte das crianças é a preferência pelas mesmas Histórias, o que demonstra seu interesse em aprender, e, por conseguinte, reproduzir oralmente como se elas mesmas estivessem lendo. Por isso, a limitação do repertório de Histórias por parte das crianças (REGO, 1990).

Outro ponto importante é apresentar o livro para as crianças evidenciando seus autores como forma de valorizar o livro, seus autores e toda forma de produção escrita.

Atualmente, têm-se disponíveis no mercado muitas opções de livros, tendo forma, conteúdo e autores diversificados. Há autores nacionais como Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Ziraldo, Regina Rennó, Maria Clara Machado, Viviana de Assis Viana, Lygia Bojunga, Eva Furnari, Sérgio Cappareli, Monteiro Lobato, Tatiana Bellinky, entre outros, e também alguns livros traduzidos e adaptados de autores estrangeiros.

Nesta diversidade, é indispensável escolher livros que vão ao encontro do público que se deseja alcançar, levando em consideração a faixa etária e o desenvolvimento cognitivo da criança. Essa escolha precisa estar presente na Educação Infantil, que atende crianças de 0 a 5 anos, idade que permite ao profissional explorar temas, formar conceitos e opiniões.

O Berçário e o Grupo I, que atendem crianças de quatro meses a um ano e 10 meses, se caracteriza por uma fase na qual as crianças têm grande necessidade de conhecer o mundo e as coisas pela boca (fase oral), o que exige livros que tenham uma grande durabilidade, confeccionados de diferentes materiais (que agucem o tato e o olhar) como tecido, plástico (como os livros de banho), e papelão, e que possam ser manipulados pelos alunos.

A ilustração tem papel crucial nessa faixa etária, sendo que quanto menor for a criança, maior deve ser a ilustração, pois oferece a oportunidade de conhecer e reconhecer por meio de figuras nítidas, elementos que fazem parte de seu cotidiano, e também de desenvolver sua percepção visual e sua linguagem oral (ABRAMOVICH,

1997).

Também o livro precisa apresentar narrativas curtas nas quais as palavras devem corresponder às figuras, ou as imagens falarem por si, não necessitando às vezes de linguagem escrita. Deve ser composto de poucas páginas devido ao tempo muito pequeno que essas crianças conseguem se concentrar em uma atividade.

O Grupo II, com crianças de dois a três anos, corresponde ao início da elaboração da linguagem pela criança. O livro com gravuras conhecidas possibilita à criança nomear e identificar objetos que fazem parte de sua vivência, possibilitando o amadurecimento e a ampliação do mundo conhecido e da linguagem identificadora. As Histórias contadas por meio de imagens constituem uma boa opção de trabalho com as crianças nesta faixa etária (COELHO, 1982).

Quanto ao Grupo III, crianças de três a cinco anos, ele se constitui de uma fase na qual a fantasia e a imaginação se fazem presentes. Os livros mais adequados a esta faixa etária devem apresentar textos curtos com imagens significativas, no qual as imagens correspondam à veracidade do texto: “Livros que contemplem elementos de seu mundo familiar, Histórias de animais, fábulas e contos maravilhosos são alvo de interesse destes pequenos leitores de imagens e ouvintes de Histórias” (COELHO, 1982, p.12).

Assim Histórias recheadas de lobos, caçadores, princesas e animais mágicos são bastante apreciadas pelas crianças, se constituindo em uma boa escolha para essa faixa.

3. Literatura e Geografia: algumas possibilidades de trabalho

Conforme Paiva; Oliveira (2010, p. 23),

No Brasil, a Literatura Infantil e a escola sempre estiveram mutuamente atreladas. Os livros infantis encontram na escola, o espaço ideal para garantir atenção de seus leitores, mesmo que estes sejam utilizados como leitura obrigatória e usados como pretextos utilitários, informativos e pedagógicos.

Na Educação Infantil, observamos que o corpo docente tem dificuldade de promover atividades que proporcionem o trabalho dos conteúdos da Geografia, pois os mesmos ainda possuem uma visão errônea desta ciência, e muitas vezes não têm um conhecimento nítido do que e como trabalhar nesta etapa.

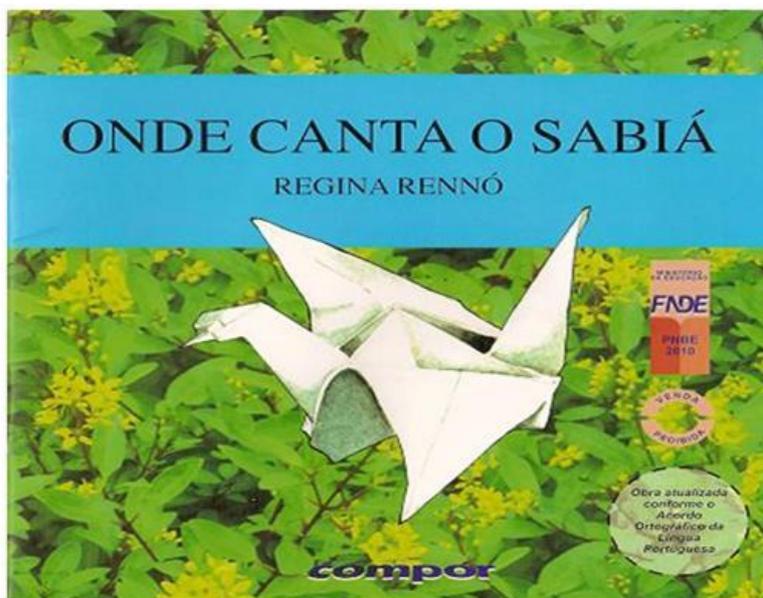
Sendo uma fase única e com especificidades também únicas, há a exigência de métodos diferenciados para se alcançar um conhecimento significativo, no qual a criança se sinta parte integrante de todo processo educativo.

A Literatura, por meio das Histórias, representa um importante recurso que pode ser utilizado pelo professor como elo entre o conteúdo e a realidade da criança, fazendo interlocuções que representam um crescimento contínuo do grupo, além contribuir na formação de um leitor habitual e crítico.

O Livro *Onde Canta o Sabiá*, de Regina Renno (Figuras 1 e 2) faz parte do acervo do Programa Nacional da Biblioteca da Escola – PNBE/2010. O Programa, criado em 1997, tem por objetivo promover o acesso à cultura e incentivar a formação do hábito da leitura nos alunos e professores por meio da distribuição de acervos de obras de Literatura, de pesquisa e de referência. As obras distribuídas incluem textos em prosa

(novelas, contos, crônica, memórias, biografias e teatro), obras em verso (poemas, cantigas, parlendas, adivinhas), livros de imagens e livros de Histórias em Quadrinhos.

FIGURA 1: Capa do Livro “Onde Canta o Sabiá”.



FONTE: Rennó (2008).

O livro de Rennó (2008) não apresenta linguagem escrita, tendo uma parte gráfica rica, reunindo desenhos e recortes de fotos reais na composição de suas páginas, (que totalizam dez folhas entre capa e contracapa).

O livro revela a problemática do desmatamento ocasionado pelas madeireiras, tendo como personagem principal o Sabiá, que sem seu ambiente natural para viver muda para a cidade, sendo algumas vezes preso em uma gaiola ou sendo alvo de estilingues de criança. Por apresentar apenas gravuras, a obra oferece a oportunidade de a criança ler e interpretar a partir de suas imagens. Em grupo, é possível fazer uma leitura em conjunto, deixando as crianças explorarem livremente todo o seu conteúdo. Elas naturalmente trazem, para enriquecer a discussão, elementos da sua vivência, e o professor, diante desta interação, pode valorizar suas colocações, na busca de uma educação rica e prazerosa:

É também por meio da possibilidade de formular suas próprias questões, buscar respostas, imaginar soluções, formular explicações, expressar suas opiniões, interpretações e concepções de mundo, confrontar seu modo de pensar com os de outras crianças e adultos, e de relacionar seus conhecimentos e ideias a contextos mais amplos, que a criança poderá construir conhecimentos cada vez mais elaborados. Esses conhecimentos não são, porém, proporcionados diretamente às crianças. Resultam de um processo de construção interna compartilhada com os outros, no qual elas pensam e refletem sobre o que desejam conhecer (BRASIL, 1998, p. 172).

FIGURA 2: Páginas 11 e 12 do Livro “Onde Canta o Sabiá”.



FONTE: Rennó (2008).

“Onde Canta o Sabiá” (RENNÓ, 2008) oferece várias possibilidades de trabalho, podendo ser relacionada à questão ambiental, por exemplo. Junto às crianças, é possível analisar a diferença do Lugar onde o Sabiá morava e depois na cidade. Pode-se questionar: por que a madeira foi cortada? Para quem, pelo quê? Onde? Por que o Sabiá mudou para a cidade? Quem foi que prendeu o Sabiá na gaiola e por quê? Por que as crianças usam estilingues? Qual a relação das pessoas com a madeira cortada?

Essa capacidade de interlocução (de saber ouvir, falar, observar, analisar, compreender) pode ser desenvolvida desde a Educação Infantil, e tornar-se assim um método de estudo – de fazer a leitura do mundo. Ao partir da vivência concreta, busca-se a ampliação do espaço da criança com a aprendizagem da leitura desses espaços e, como recurso, desenvolve-se a capacidade de “aprender a pensar o espaço”, desenvolvendo raciocínios geográficos, incorporando habilidades e construindo conceitos (CALLAI, 2005, p. 235).

O professor poderá trazer, para a sala de aula, ilustrações de Sabiás, para que as crianças possam reconhecê-lo e também o som do seu canto. É possível, dependendo de cada realidade, fazer trabalho de campo com as crianças, no interior e também nos arredores da escola, para buscar elementos novos e enriquecer a atividade. O trabalho pode ser registrado por meio de fotos, painéis e maquetes, utilizando diferentes recursos materiais, tais como dobraduras, recortes, pintura, desenhos, e materiais de sucata.

Mas as perguntas que provavelmente virão à cabeça de muitos professores, que ainda não têm claro o que a Geografia tem por objetivo, podem ser: “Onde estaria a Geografia no meio disto tudo?”, “Quais os objetivos e temas que estão sendo trabalhados?”

O educador deve usar todas as oportunidades para fazer avançar o raciocínio Infantil para noções mais complexas, sendo sensível para

reformular com as crianças as explicações simplistas e erradas sobre os fenômenos. Não se trata de “dar aulas” sobre temas, mas estar atento para não deixar que certos significados se estruturam incorretamente. O educador deve assumir a intencionalidade do ato educativo a cada situação de interação (MACHADO, 2002, p. 282).

Então, pode-se começar esclarecendo que a criança tem a possibilidade de, por meio do livro, começar a perceber a diferença entre área urbana, área rural e a de vegetação nativa, como também o processo de produção que envolve o consumo de recursos naturais, e a transformação deles em mercadoria. A partir daí, pode-se discutir o desmatamento, a expansão de áreas urbanas, a migração de animais, sua extinção, entre outros. Além de que, desde pequena, a criança aprenderá a ouvir, fazer colocações, criticar e socializar com o grupo, que são pontos fundamentais no desenvolvimento de qualquer ser humano e na busca de uma Educação de qualidade que contribua para um mundo melhor. Desta forma, a criança estará aprendendo a conhecer o mundo com a ajuda da Geografia.

FIGURA 3: Capa do Livro: “O pingo de chuva”.



FONTE: SANTOS (2008).

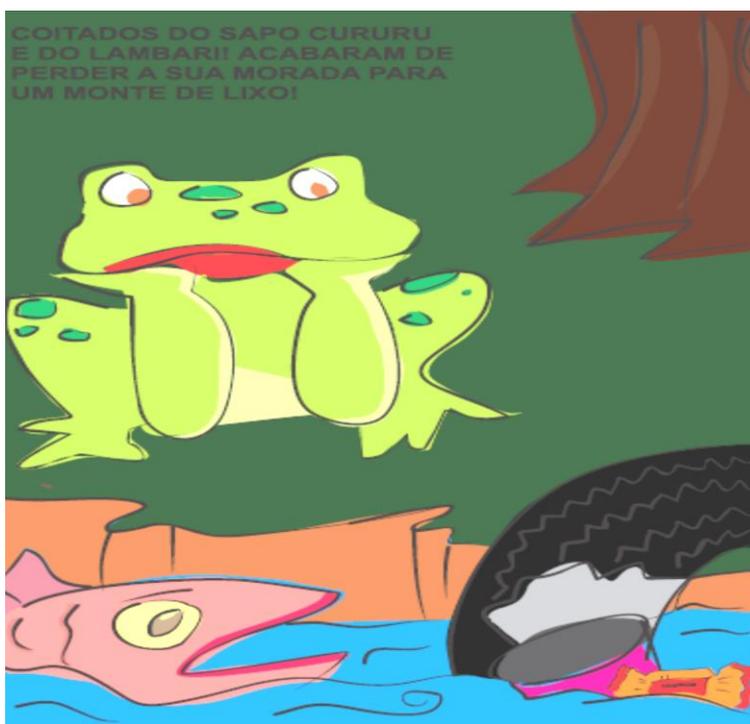
A História “*O Pingo de Chuva*” (Figura 3), de autoria de Elisa Aparecida Xavier Santos (2008), traz em sua narrativa o elemento imaginário, elemento que dá vida ao pingo de chuva, composto de cinco páginas. O intuito das ilustrações é representar um pouco da vegetação típica do ambiente, como o Cerrado, e a transformação que a chuva traz para essa Paisagem. A História evidencia o problema da impermeabilização do solo urbano, do lixo colocado em local inapropriado e, como consequência, em épocas de chuva intensa, o carrilhamento dele para os principais cursos de água, aumentando o

poder erosivo das águas pluviais, e como resultado apresenta a eliminação de várias espécies da fauna e flora que ali habitam (Figura 4).

“*O Pingo de Chuva*” que cai no telhado e ganhou a rua permite discutir também a temática das enchentes que todo ano acometem várias cidades brasileiras, causando grande perda ambiental e humana. Os questionamentos que serão colocados e discutidos com os alunos exigem do professor um conhecimento prévio do nível de entendimento das crianças sobre a temática discutida, sendo necessária a adaptação à sua capacidade de entendimento, possibilitando também trabalhar a mesma História até mesmo com crianças maiores.

Explorar as gravuras do livro relacionadas ao Cerrado ajuda muito no entendimento das crianças, mostrando as árvores tortas e secas, queimadas e a renovação que a chuva traz para essa Paisagem. Conhecer o Cerrado e um pouco de suas especificidades possibilita sua valorização como bioma rico e pouco divulgado (Figuras 3 e 4).

FIGURA 4: Página 4 do livro: “O Pingo de Chuva.”



AUTOR: SANTOS (2008).

A História “*O Pingo de Chuva*” foi elaborada a partir da necessidade de abordar, em sala de aula, temas do cotidiano das crianças no desenvolvimento de um projeto de Educação Ambiental, de maneira simples, mas que as crianças se sentissem representadas.

O projeto foi desenvolvido em uma Escola Municipal de Educação Infantil, localizada na área urbana, setor norte de Uberlândia, que atende 120 crianças, de zero a cinco anos, sendo que de zero a três anos em regime integral, e de quatro a cinco anos em regime parcial, no ano de 2008, tendo como público crianças de quatro a cinco anos,

usando como tema gerador a História “*O Pingo de Chuva*”, que foi especialmente elaborada para esta tarefa. Foi desenvolvido em três etapas: A roda de Contação de História, a roda de conversa, o trabalho de campo e o registro do trabalho.

Na primeira etapa, buscamos um lugar tranquilo, fora da sala de aula, objetivando uma melhor concentração, visualização das gravuras e aproveitamento por parte das crianças.

Após a Contação da História, naturalmente, como é característica das crianças, muitas teceram alguns comentários a respeito, mas foi instigada e direcionada a atividade através de questionamentos como: “Com o que o Pingo de Chuva sonhava? O que aconteceu com ele? Porque o Lambari e o Sapo Cururu perderam sua morada? Como o lixo foi parar no rio?”

A maioria demonstrou grande preocupação com a problemática apresentada pela História: os fatos do *Pingo de Chuva* não conseguir cair na terra seca. Sobre a situação do Sapo Cururu e do Lambari perderem a morada para um monte de lixo causou grande sensibilização nas crianças, e muitas afirmaram a grande necessidade de não jogarmos lixo na rua, e de deixarmos um pedaço de chão em seu quintal para o pingo de chuva cair e infiltrar.

O bairro no qual se localiza a escola é considerado o menor bairro de Uberlândia, tendo seu crescimento limitado pelo rio Uberabinha e uma grande empresa particular (Figura 5).

FIGURA 5: Localização do Bairro São José. Área Urbana de Uberlândia/MG.



FONTE: BRITO; LIMA (2011, p. 21).

O trabalho de campo foi proposto com o objetivo de materializar a História contada, fazer um elo entre a História narrada com a realidade local, observada e percebida pelas crianças que é a grande degradação do meio ambiente próximo à escola, com o lixo nas ruas e nas margens do rio, e a impermeabilização do solo urbano. Mas apesar de toda a poluição existente as crianças ficaram maravilhadas com o rio, pois muitas não o conheciam, e muito menos sabiam de sua importância para o abastecimento de água da cidade (Figura 6).

FIGURA 6: Visita às margens do rio.



FONTE: Franco Andrei (2008).

Assim, remetendo a partes da História no trabalho de campo, usou-se de elementos reais para exemplificar o percurso do *Pingo de Chuva*, desde sua não infiltração no solo, até à chegada da água pluvial nas margens do rio, juntamente com todo lixo depositado a jusante, assoreando e poluindo as águas e suas margens.

De acordo com Callai (2005, p. 237), “ao ler o espaço, a criança estará lendo a sua própria História, representada concretamente pelo que resulta das forças sociais e, particularmente, pela vivência de seus antepassados e dos grupos com os quais convive atualmente”.

Junto às crianças recolheu-se um pouco da sujeira que estava em alguns pontos visitados. Elas participaram ativamente e se mostraram indignadas com tanto lixo e entulho.

Na última etapa do trabalho, retornou-se à sala e em roda com as crianças, cada uma teve a chance de expor o que mais lhe despertou a atenção no trabalho de campo. Foram identificados alguns problemas, como a falta de cuidado com o meio ambiente e as perdas que isto acarreta, afirmando junto com as crianças a necessidade de mudar posturas para melhorar o meio e possibilitar assim a vida de várias espécies.

Foi interessante observar que a História do *Pingo de Chuva* e todo o trabalho desenvolvido possibilitaram a interlocução de alguns conteúdos já estudados pelas

crianças, tais como o problema da dengue e do lixo; contudo, de maneira agradável e diferenciada das aulas tradicionais, sendo muito bem aceita por elas.

Algumas colocações feitas pelas crianças foram registradas pela professora no quadro. O que mais sensibilizou a todos foi o relato de uma aluna que se sentia dona do rio que passa em frente a sua casa desde pequena, e que de alguma forma a ela pertence, pois faz parte de sua vivência e futuramente de suas lembranças de criança.

Junto com as crianças foram confeccionadas “placas” com frases de alerta que, posteriormente, foram colocadas dentro de uma garrafa decorada com retalhos de EVA e com o recurso de uma estaca de cabo de vassoura afixadas no jardim da escola, com o objetivo de ressaltar a necessidade de não jogar lixo em lugares não apropriados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A História contada ou lida deve estar presente no cotidiano da Educação Infantil, pois ela incentiva a imaginação das crianças e estimula a formação de referências importantes na construção do sujeito e contribui para a formação de leitores capazes de lerem o mundo.

Essa capacidade de ler o mundo, antes da palavra escrita, pela criança, é fundamental na busca de significados, influenciando às vezes a aversão que tantos alunos demonstram pela leitura, refletindo diretamente em todos os níveis de estudo.

Apenas saber ler, escrever e somar não é suficiente para que esse aluno compreenda a realidade que o cerca, pois se realmente acreditamos que a Educação é o caminho para um mundo melhor, temos que propiciar o desenvolvimento de um aluno crítico e ativo, que saiba ser e conviver com os outros, tendo capacidade de compreender desde a escala local à global, de problemas ambientais, sociais e econômicos. Pois, o conhecimento é uma forma de poder, que, infelizmente poucos detêm, sendo mais um motivo para mudar este paradigma.

O papel da Educação Infantil na formação da criança não se pode restringir apenas a preparar a criança para uma futura alfabetização, negando, às vezes, áreas de conhecimento que são essenciais para seu desenvolvimento integral.

Dentre as várias disciplinas que podem ser trabalhadas na Educação Infantil, temos a Geografia que oferece ao aluno a capacidade de leitura da realidade por meio da observação e reflexão, conhecimento que esse aluno desde pequeno pode aprender.

A História “*O Pingo de Chuva*” foi elaborada para um projeto, espelhando o tema que objetivava trabalhar com as crianças, mas nem todas as pessoas têm facilidade de escrever uma História. Por isso, o professor pode contar com inúmeras publicações de boa qualidade disponíveis no mercado, e que viabilizam um rico e amplo trabalho com as crianças. Basta apenas ter o cuidado de escolher as que vão ao encontro do tema, e a faixa etária que o professor deseja trabalhar, porque é necessário que a criança se sinta representada nas narrativas e que faça elos com sua vivência, sua cultura, seu *Lugar*.

Enfim, a Educação Infantil tem um papel primordial na formação integral da criança, sendo possível fazer a diferença ao oferecer uma base segura na trajetória escolar deste futuro cidadão, capaz de entender as relações existentes no mundo próximo e distante e participar dele com possibilidades de intervir.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil**: gostosuras e bobices. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1997. 174 p. (Pensamento e ação no magistério).
- ALANO, Janete da Silva. **Conteúdos e metodologias do ensino de Geografia**. Florianópolis: UDESC/CEAD, 2002.p.108. (Em colaboração com: Helena Copetti Callai, Luiz Haucke Porta, Arsênio Carmona Gutierrez).
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRITO Jorge Luís; LIMA, Eleusa Fátima de. **Atlas escolar de Uberlândia**. 2. ed. Uberlândia/MG: EDUFU, 2011.
- CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 25, n. 66, maio/ago. 2005, p. 227-247.
- COELHO, Nelly Novaes. **A Literatura Infantil**: História, teoria, análise. Das origens orientais ao Brasil de hoje. 2. ed. São Paulo: Global, 1982. 418 p.
- GIRARDELLO, Gilka. Voz, presença e imaginação: a narração de Histórias e as crianças pequenas. In: FRITZEN, Gladir; CABRAL, Gladir S. (Org.). **Infância**: imaginação e educação em debate. Campinas: Papirus, 2007. p.39-55.
- KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico**: questões e propostas. São Paulo: Contexto, 2008. 217 p.
- MACHADO, Maria Lúcia de A. (Org.). **Encontros e desencontros em Educação Infantil**. São Paulo: Cortez, 2002. 303 p.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à Educação do futuro**. 2. ed. Trad. de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya . São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000. 117p.
- PAIVA, Sílvia Cristina Fernandes; OLIVEIRA, Ana Arlinda. A Literatura Infantil no processo de formação do leitor. **Cadernos da Pedagogia**. São Carlos, Ano 4, v. 4 n. 7, p. 22-36, jan.-jun. 2010.
- REGO, Lúcia Lins Browne. **Literatura Infantil**: uma nova perspectiva da alfabetização na pré-escola. São Paulo: FTD, 1990. 78 p.
- RENNÓ, Regina. **Onde canta o Sabiá**. Belo Horizonte: Compór, 2008.10p.
- SANTOS, Elisa Aparecida Xavier. **O Pingo de Chuva**. Uberlândia, 2008. 05p.
- SANTOS, Elisa Aparecida Xavier; BORGES, Franco A.; ANDRADE, Mizantc. de. Educação ambiental: a construção de Histórias na Educação Infantil. In: SEMANA DA GEOGRAFIA, XIV, 2008, Uberlândia. **Anais...**, 2008. IG. Instituto de Geografia.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. 260p.(Coleção Milton Santos; 1).

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico-informacional. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. 176p.

YUNES, Eliana; PONDE, Gloria. **Leitura e leituras da literatura infantil**. 2. ed. São Paulo: FTD, 1989.

Recebido em: 24/10/2016

Aprovado para publicação em: 26/06/2017